

Editorial

O presente volume da *Cognitio: Revista de Filosofia*, como já é uma tradição, contém uma série de artigos que trata da interlocução entre o pensamento de Charles Sanders Peirce e autores das mais variadas correntes filosóficas.

Em primeiro lugar, destacamos o texto de Vera Saller sobre o significado do pensar, fazendo uma ponte entre a semiótica peirciana e a psicanálise de S. Freud. Trata-se de mostrar como Freud baseia sua psicanálise em pressupostos epistemológicos similares aos de Peirce.

A seguir, Shannon Dea nos oferece uma análise da dívida de Peirce para com o pensamento de Espinosa. Segundo a autora, na filosofia peirciana, tanto uma visão antiga da máxima pragmática quanto evidências do senso comum crítico e de um fraco realismo escolástico estão evidentes no pensamento de Espinosa.

David Dilworth, por sua vez, faz um paralelo entre a filosofia de Schiller e o pensamento peirciano com respeito a três pontos principais, a saber: 1) A categoria da Primeiridade; 2) A estética como a primeira das ciências normativas; e 3) O conceito de Puro Jogo como devaneio.

Douglas Anderson apresenta um texto mostrando, a partir das obras de C.S. Peirce, W. James e G. Santayana, como a disputa entre filosofia e poesia, já presente na cultura ateniense, é baseada em um evidente equívoco. Segundo o autor, à medida que a filosofia passa por seus fracassos dedutivistas dos últimos séculos, começará a ver que a poesia e a filosofia são aspectos contínuos do espírito humano.

Catherine Legg faz uma comparação entre a teoria da percepção nominalista de Hume e a teoria realista da percepção de Peirce. Trata-se de mostrar que a teoria peirciana não somente possibilita uma epistemologia consideravelmente mais sutil e eficaz, mas também faz justiça ao que acontece quando apreciamos uma prova em matemática.

O volume contempla ainda excelentes textos de epistemologia e filosofia geral. Roberto Pich e Jacson Faller apresentam um texto sobre a natureza e a possibilidade da linguagem em T. Reid. O foco principal do trabalho é mostrar como os princípios de credulidade e veracidade devem ser entendidos, e o apelo que supõem com respeito a uma relação entre linguagem, mente e mundo.

Sofia Stein, por sua vez, analisa visões neopragmáticas recentes que se seguiram à perspectiva anti-representacionista de Wittgenstein sobre o significado. Procura defender uma semântica neuro-pragmática que, ainda tenha um sabor wittgensteiniano, incorpore lições recebidas das teorias da cognição corporificada e da biossemântica.

Um paralelo entre o pensamento de Dewey e Russell é estabelecido no texto de Paul Forster. Trata-se de analisar uma polêmica entre os referidos autores no que diz respeito ao problema do conhecimento do mundo exterior. Forster aprofunda o desacordo entre Dewey e Russell mostrando em que medida cada um deles não entendeu adequadamente o projeto epistemológico de seu rival.

Enfim, Erin McKenna e Scott Pratt fazem uma apreciação da filosofia americana nos últimos 25 anos. Os autores sugerem que alguns dos temas possivelmente emergentes com os quais a tradição precisa lidar no século 21 são as concepções de limites e de lugar, pluralismo e mediação, e falibilismo e esperança.

Cabe registrar que nesse ano de 2014 celebram-se os cem anos da morte do fundador do pragmatismo, Charles S. Peirce (1839-1914), com o *Peirce Centennial Congress* na Universidade de Lowell, EUA. O *Centro de Estudos de Pragmatismo* da PUC/SP estará presente nessa celebração por meio da apresentação de trabalhos de muitos estudiosos brasileiros a ele ligados.

Edelcio Gonçalves de Souza

Editor Adjunto